

Criacionismo e Evolucionismo

Lenita Crespo Ruiz Ferraz de Sampaio*

O falso dilema evolução versus criação já foi elucidado há muitos anos. Foi entre as décadas de trinta e quarenta do século passado, quando Theodozius Dobzhansky, Ernest Mayr, Stebbins e outros grandes biólogos, reuniram-se e estabeleceram as bases da atual Teoria da Evolução. O termo *teoria* às vezes tem uma conotação pejorativa: “Isso não passa de teoria”, dizem as pessoas, como se a teoria fosse inferior a um fato. Sobre isso Stephen J. Gould, diz: “As teorias são estruturas que explicam e interpretam os fatos”.

Atualmente a evolução dos seres vivos é um fato incontestável, aceito por todos os biólogos.

A noção de um mundo dinâmico, em parte mitológica, sobre a origem dos seres vivos já existia em Anaximandro (séc. VI a.C.) e Empédocles (séc. V a.C.). De acordo com Anaximandro, os homens eram como peixes; com o tempo foram perdendo a pele de peixe e passaram à vida terrestre. Empédocles, considerado por alguns como o pai da evolução, dizia que as plantas surgiram da terra, e destas os animais, que apareceriam como órgãos e partes separadas que se uniriam ao acaso. A maioria desses conglomerados eram aberrações que acabavam sendo eliminadas. Mas alguns desses conglomerados eram bem sucedidos e sobreviviam. Eis aí uma primeira idéia de sobrevivência dos mais aptos.

Xenófanos, que viveu no século VI e parte do século V, foi o primeiro a reconhecer os fósseis como restos de animais que viveram um dia.

No séc. IV a.C. viveu outro grande filósofo: Aristóteles, que notou haver uma gradação completa na natureza; o estágio mais baixo é o inorgânico. Deste surge por metamorfose o orgânico, formado por três estágios: vegetais, vegetais animais (esponjas e as anêmonas do mar) e animais. Podemos considerar Aristóteles como o pai das árvores genealógicas, embora ela fosse uma linha reta, sem ramos e não incluísse os fósseis, já descritos por Xenófanos. Dois mil anos separam Aristóteles de Lamarck, um grande injustiçado, lembrado mais por seus erros do que por seus acertos. Além de apresentar uma interessante teoria para a evolução da vida em sua obra *Philosophie Zoologique*, teve a coragem de publicá-la em 1809, uma época totalmente despreparada para aceitar essas idéias.

Darwin, justamente considerado o pai da Evolução, publicou sua obra *On the origin of species* em 1859, causando o segundo grande abalo na visão do homem sobre si mesmo, defendendo a idéia de que os seres humanos são uma parte da natureza e não algo à parte da natureza. Nicolau Copérnico, em meados do século XVI, com sua visão heliocêntrica do Universo, retirou a Terra do centro de todas as coisas celestiais. Essa foi a primeira grande revolução intelectual. Pode-se imaginar o impacto que essa descoberta

causou. Porém nada revolucionou mais o mundo e produziu mais discussões do que a teoria da Seleção Natural de Darwin. Apesar do advento dessa nova maneira de explicar a origem do homem, isso não impediu que se continuasse a considerar a “natureza” do ser humano como algo especial, por suas qualidades como inteligência, espiritualidade e julgamento moral.

Os processos evolutivos são mecanicistas e impessoais e por isso difíceis de serem aceitos pelos que acreditam que as coisas existem com um propósito (Finalismo).

Spencer aplicou o conceito de seleção natural ao Darwinismo Social, fato que irritou Darwin. Os darwinistas sociais do final do século dezenove e início do século vinte encontraram na “lei” da seleção natural justificativa para a luta de classes, a competição econômica desenfreada, o capitalismo e o imperialismo.

Os dois pontos básicos de “A origem das espécies” são que todos os organismos são produtos modificados de ancestrais comuns, e que o mecanismo da evolução é o da seleção natural das variações hereditárias. O problema de Darwin foi justificar as variações hereditárias, pois desconhecia os trabalhos de Mendel e a explicação para a herança aceita na época era a mistura de sangue, que não comprovava as diferenças entre os seres.

Com as descobertas do século passado no estudo da morfologia comparada, embriologia descritiva, paleontologia, biogeografia, genética e biologia molecular foi comprovada a “Teoria Sintética da Evolução”, formulada entre 1930 e 1940, graças principalmente ao grande, humilde e querido professor Dobzhansky, de quem tive a honra de ser aluna na disciplina de Genética e Evolução, durante o ano de 1955, no então curso de História Natural da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Um dos mais importantes geneticistas do mundo, ajudou a formar e desenvolver grupos de pesquisa que trabalhavam em cooperação com universidades americanas. Era uma pessoa afável, de cabelos brancos, rosto rosado, gostava de conversar com os alunos em seu português corretíssimo, com delicioso sotaque americano. Vinha à Faculdade de bonde ou ônibus, como os alunos e alguns professores da época. Ninguém diria que ali estava uma das mais importantes figuras da Ciência.

Qualquer pessoa, com um nível razoável de informação não desconhece a explicação atual para a origem e a evolução da vida. Esse é o paradigma atual. Ele pode ser mudado? Claro que sim, pois a Ciência é

viva, e portanto mutável. Verdades hoje, podem ser modificadas com novas descobertas. Mas o que afirmamos agora e está comprovado é verdadeiro. Atualmente faltam alguns detalhes, como fósseis intermediários na linhagem humana e na de muitos animais e plantas. Mas com estudos mais intensos, cada vez mais completas ficam essas genealogias. Além disso estudos cromossômicos e a biologia molecular tem contribuído para comprovar a relação e a distância entre os seres.

O maior impacto produzido pelos termos evolução e seleção natural foi, sem dúvida, o impacto religioso, por ser incompatível com suas crenças. Críticas por motivos religiosos começaram quando Darwin ainda era vivo, em 1874. Charles Hodge, teólogo protestante americano, publicou *What is Darwinism?*, uma das mais fortes críticas, considerando a obra mais atêia que a de Lamarck. Para ele o desenho complexo do olho humano só pode ter sido planejado pelo Criador, como o desenho de um relógio demonstra a existência do relojoeiro, portanto a negação do desenho divino na natureza equivale à negação da existência de Deus. Outros teólogos como A.H. Strong (*Systematic Theology*), concluem, pelo contrário, que a existência e a criação são compatíveis com a evolução e outros processos naturais. Em 1950 o culto papa Pio XII, em sua encíclica *Humani Generis* reconhece que a evolução biológica é compatível com a fé cristã, embora para a criação da alma seja necessária a intervenção divina. O papa João Paulo II, em discurso em 1981 na Academia Pontifícia de Ciências disse que é um erro usar a Bíblia como um tratado de astronomia, geologia e biologia. A Bíblia não pretende ensinar como se formou o firmamento, mas sim como chegar ao céu.

É portanto espantoso e chega a ser ridícula essa discussão que ressurge em pleno século XXI. A existência de Deus não pode ser comprovada, assim com o a vida após a morte. Esse é o grande Mistério. Para crermos nisso temos que ter fé. E esse é um dom divino. Não é Ciência, é Religião.

No que diz respeito aos deuses, há aqueles que negam a própria existência da Divindade Suprema; outros dizem que ela existe, mas não se preocupa, não interfere nem premedita coisa alguma. Um terceiro grupo atribui-lhe existência ativa e premeditada só para assuntos transcendentais e celestiais, não para tudo o que acontece na Terra. Um quarto grupo admite a interferência divina tanto na Terra com no Céu, mas só em geral e não a respeito de cada indivíduo. Um quinto grupo, ao qual pertenciam Ulisses e Sócrates, é o dos que bradam: “Não dou um só passo sem o vosso conhecimento”. (Epicteto, filósofo estoico greco, 50 d.C).

BIBLIOGRAFIA

1. Ayala FJ. La teoría de la evolución: de Darwin a los últimos avances de la genética. Madrid: Temas de Hoy, 2001.
2. Darwin C. A origem das espécies. São Paulo: Hemus, 1979.
3. Freire-Maia N. Criação e Evolução, Deus, o acaso e a necessidade. São Paulo: Vozes, 1986.
4. Futuyma DJ. Biologia evolutiva. Ribeirão Preto: SBG-CNPq, 1993.
5. Lewin R. Evolução humana. São Paulo: Atheneu, 1999.
6. Epicteto *apud* Salinger JD. Franny and Zooey. 1970.

“We know accurately only when we know little; with knowledge doubt increases.”

Goethe

“That which is sure is not sure. As things are, they shall not remain.”

Bertolt Brecht